

No meio do tempo

Nossas histórias individuais narram nossa passagem pelo mundo. É assim que traçamos conexões com as coisas, com as pessoas, com os lugares. Inscrevemos registros orais, imagéticos, afetivos, lembranças que também nos modificam e nos constituem e, assim, ao mesmo tempo, constituímos processos que se espalham, ganhando novas vozes e redimensionando o mundo e seus sistemas de representação e apreensão. Por meio dessas estratégias ficcionais, transformamos nosso entorno enquanto somos porosos a ele e às muitas outras histórias que por aí vagueiam. A arte, como outras tantas tarefas que desempenhamos, adentra essas conexões, traça projetos de mundos (im)possíveis, expande as subjetividades, propõe lentes para avistar nossos dejetos, infernos, esvaziamentos, políticas.

Reside nessas relações e fluxos (mundo, homem, fabulações) um dos pontos discutidos pela artista Erika Malzoni. Trata-se de algo, uma espécie de coeficiente alterável, mutante por natureza, que habita seus predicados e se enquadra em seus procedimentos. Não se faz necessário aplicar um conceito fechado para compreendê-lo, já que esse algo adquire forma e institui um vocabulário não próprio no usufruto e manuseio de coisas reais, banais mesmo, ou seja, elementos reconhecíveis para qualquer um de nós e que participam de nossos meros pactos do cotidiano. E é acerca da condição descartável e de desimpregnação de função desses objetos que a artista desencadeia seus processos de composição. Um ponto de partida tão comum a qualquer um de nós: o objeto ordinário, tendo traçado seu curso normal, largado à arbitrariedade do lixo, do descaso, do desuso.

Mas estes re-usos, re-processamentos, re-dimensionamentos não são isolados, nem ocorrem como uma prática laboratorial de análise de sua composição. Realizam-se em deambulações, em caminhos por entre imagens, coisas, cantos de rua, sobras de lojas, faturas cansadas e perdas. São ações contextuais, enquanto a artista é apenas sujeito, aguçando seu olhar e se estimulando com aspectos desse amplo e complexo sistema visual, em que estamos todos imersos e implicados, sem esquivar-se das codificações e das filigranas que delineiam nossos itens de existência e

sobrevivência (consumistas que somos). Erika trabalha com a força motriz em situação agonizante do que um dia representou algo de importante, desempenhou uma tarefa ou mesmo se originou de um modelo. A artista lida com elementos de ambiência que se retiraram do convívio e os reinclui em outro campo de ação.

Nesse sentido, podemos pensar nos trabalhos da artista a partir da atribuição conceitual do prefixo "re-". Vejamos, então: "re" adiciona a certas palavras um traço semântico de repetição, de ressurgimento, de releitura, fazendo reverberar ou surgir um outro naquilo que preexiste. Mas vale um adendo a essa associação: os procedimentos de Erika não propõem uma leitura do novo no velho, não são recursos de tradução nem de re-feitura. Trata-se de uma prática em que o objeto original, ou seja, sua estrutura elementar não se dilui, tampouco surpreende no surgimento de um outro original. Isto é: gravatas seguem sendo gravatas, ainda que uma porção delas estejam unidas, de modo inusual. O que ocorre no interior dessa instalação é: uma reiteração de ser gravata como gravata mesmo, em sua elementaridade de gravata, mas em outra acepção espacial, visual e também controversa. E assim, moldura segue sendo moldura, sacola segue sendo apenas sacola, gaveta permanece como gaveta. A questão é: há um gesto de reposicionar tudo, de conectar elementos muito distintos entre si, que os reinserem esculturalmente, por assim dizer, em uma dinâmica de experiência distinta daquela na qual aprendemos a espreitá-los.

Nos projetos da artista, os materiais, ainda que descontextualizados de suas tarefas e ambientes funcionais, não se apresentam como novos nem como descritivos de outras funções. Guardam suas memórias ao mesmo tempo em que traçam, em um contexto poético, certa tensão entre o que eram e o que se tornam visualmente, sem submeter-se a novas roupagens. Seguem afirmando o que foram, mas em outra atuação visual. Desempenham seus aspectos de maneira ambivalente e contraditória, comportam-se num espaço de indeterminação. E não perdem a sua dimensão semântica ou material. Essa condição nos provoca muitas dúvidas. Não adianta nem tentar saná-las. É preciso conviver com elas. É esse o convite que Erika nos faz: adentrar o meio do tempo: um tempo/lugar ermo, desértico, abandonado à sua própria sorte, ao acaso, disponível de maneira ordinária. Um dito popular que remete a uma temporalidade

indefinível, uma duração quase indizível, pois está disposta ao seu passar, ao seu estar fugidio e longo. Ali, nesse quando, tudo pode estar sem muitas negociações, apenas na condição de ser e empoeirar-se. É desenhando esse tempo/lugar que a artista propõe um vir à tona nas suas composições – colagens tridimensionais, assemblages, instalações – uma outra forma de visualidade, outra conformação, que diz respeito às proporções, texturas, cores, dimensões dos objetos, fazendo refletir todos estes aspectos em um espelho de não-iguais, com outras lógicas visuais, com outras normas de presença, com outras validades empíricas.

Pois bem, é necessário que esqueçamos o contrário, o novo, as manobras tão conjugadas de apropriação. Assim, o que vemos no Museu Histórico de Itatiba, ou melhor, aquilo com o que nos deparamos no espaço expositivo é algo estranhamente familiar que oscila entre o que podemos descrever como exemplos de objetos, como entidades materiais que já encontramos, e o que avança sobre nós, visualmente, em um outro encontro. Os trabalhos de Erika não obscurecem, nem minimamente, a natureza dos objetos envolvidos, mas nos arremessam a implacabilidade de nossos gestos de fazer envelhecer e substituir tudo muito rapidamente.

No meio do tempo é um inventário de esquecidos.

Galciani Neves